



Avanço
Proprietário: **Dr. Ernesto Lacerda**

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

Director e Editor: **Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado**

25 de Dezembro de 1966

Chefe da Redacção: **Prof. A. Paula Santos**

ANO XIV

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 336

DURA LEX SED LEX

○ Ministro das Finanças, tendo em vista assegurar a prevenção e repressão de actividades lesivas dos interesses do desenvolvimento económico nacional, nomeadamente as exportações de capitais que vêm sendo ilicitamente canalizadas para o exterior através de organizações estrangeiras que actuam em diversos países, entre os quais Portugal, enviou para o «Diário do Governo» um Decreto-Lei cuja oportunidade se torna desnecessário sublinhar, se tivermos em conta que o País se encontra em guerra e, ao mesmo tempo, a desenvolver enorme esforço para acompanhar o desenvolvimento económico mundial, na tentativa, até agora prosseguida com êxito, de dar aos portugueses melhores condições de vida.

Estas razões são suficientes para se exigir da Lei o máximo rigor com aqueles que, criminosamente, procuram privar o País dos capitais necessários ao fomento das nossas indústrias, ao desenvolvimento da nossa agricultura e à manutenção das nossas Forças Armadas nas três frentes de combate em A'frica.

O Estado não pode fazer frente a estas necessidades apenas com o auxílio dos impostos cobrados — e é preciso não esquecer que todos nós, pobres e remediados, pagamos os nossos impostos —; tem, também, de contar com os capitais que alguns tentam ilicitamente canalizar para o estrangeiro.

E', por isso, da mais actual oportunidade e de aplaudir a ambas mãos a medida decretada pelo Ministério das Finanças.

Segundo o Decreto-Lei enviado para o Diário do Governo e que virá assegurar a prevenção e repressão de actividades lesivas dos interesses do desenvolvimento económico nacional, nomeadamente as exportações de capitais que vêm sendo ilicitamente canalizadas para o exterior, estão previstas várias penalizações que vão desde o pagamento de multas a prisão, sendo os limites máximos das multas elevados para cinco mil contos.

Dir-se-á que a Lei é dura. Mas lá diz a máxima que a Lei é dura, mas é Lei. E assim tem que ser porque o interesse nacional o exige.

Além das outras sanções previstas no Decreto-Lei do Ministério das Finanças, agora enviado para o «Diário do Governo», avultam as previstas no Art.º 10.º que diz:

1. — Sem prejuízo da aplicação de outras sanções previstas na lei, serão condenadas a pena de prisão, não substituível por multa, as pessoas que promovam a exportação de capitais de terceiros, desde que essa exportação não tenha sido autorizada, nos termos legais, pelas entidades competentes, bem como as que nelas sirvam de intermediários, ou para ela por qualquer forma concorram, com pleno conhecimento.
2. — No caso de os actos referidos no número antecedente serem cometidos por qualquer pessoa colectiva, a pena de prisão é aplicável aos seus administradores, directores, gerentes, empregados com função de direcção ou chefia, ou outras pessoas com representação da pessoa colectiva, que realizem, ordenem ou sejam directamente responsáveis pela prática dos aludidos actos.
3. — Será considerado como circunstância agravante o facto de a pessoa inculpada fazer parte ou ser agente ou colaboradora de uma entidade ou organização que, sem a devida autorização exigida por lei, tenha por objecto imediato ou mediato a exportação de capitais ou qualquer forma de investimentos destes no estrangeiro.

Temos a certeza que que muitos dos criminosos que têm andado a lesar a Pátria, enviando para o estrangeiro os seus capitais, que tão necessários são ao desenvolvimento do País e à consequente elevação do nosso nível de vida, hão-de pensar duas vezes antes de voltarem a servir-se do expediente oportunista de enriquecerem ainda mais à custa de manigâncias que são um autêntico atentado contra a independência da Nação. Porque se todos esses capitais forem colocados em iniciativas dentro do País, o Estado terá que recorrer em menor escala aos empréstimos do estrangeiro.

Deseja-se, pois, que a Lei seja dura e mais: que seja aplicada sem contemplações.

SENA

A HORA DO NATAL

*Hora que antes de ser hora
já era escura há que tempos...*

*Dormiam cardos e pedras,
e desabridos os ventos...*

*Hora que antes de ser hora...
não tiveras alvorada!*

*Bramiam ondas no mar,
na serra um lobo a uivar...*

*Hora sem ter madrugada,
sem claridade e sem esperança
de chegar à luz do dia!*

*Já antes do anoitecer
era uma noite vazia.*

*Sem tempo, sem pensamento,
sem choro, sem drama, sem ais...*

*Tempo em que os próprios filhos
não tinham filhos nem pais...*

Hora parda em noite escura!

*Hora como um breu cerrado
cheio de temor e amargura!*

*Hora bruta em céu nublado
quando uma estrela brilhou.*

*Então um galo cantou.
Ao ouvi-lo toca um sino.*

*Analfabeto e rosado
tinha nascido um menino.*

*Param as fontes e os gados
estão a balir nos apriscos.*

*As gentes, dormindo à solta,
acordam sobressaltadas.*

*Os caminhos das encostas
aparecem refloridos.*

*Os meliantes que espreitam
a ocasião do roubo*

*ou do crime ou da traição
param com navalha aberta,*

deixam-na cair no chão.

*Os bêbados e os poetas
falam em voz alta, a sós,*

*à espera que nasça a Lua
num coral em desatino,*

e a Lua Cheia brilhou.

*Analfabeto e rosado
tinha nascido um menino
que ficou divinizado*

assim que o galo cantou.

AZINHAL ABELHO

Adoração do Menino JESUS

na região de Leiria

Excerto de um artigo

de CARLOS EUGÉNIO

Percorrendo todos os caminhos da Europa, A'frica, A'sia e Oceânia, a cerimónia mais tocada de ternura que sempre nos é dado observar em mensagem de símbolo, canto e louvação, é, sem dúvida, o sorriso iluminado, quase como recado, da celebração do Natal.

Ao transporem-se diferentes meridianos geográficos e tomado contacto com outras gentes (quando a solidão nos fere em cheio) e se chega a 25 de Dezembro, escorre como que um mel originário e puro, e a positividade do dia acende a luz e a ausência festeja-se num sentimento de amor por toda a parte, com igual sinal universal, dum activa solidariedade humana.

Pode ser uma simples estrela de papel colorido cintilando por entre os frutos quentes dum cajueiro nas sanzalas africanas; pode ser um barco de bambu iluminado suspenso das palmas dum coqueiro nas praias suaves da costa de Goa; podem ser os balões e lanternins japoneses, coloridos e exóticos, em qualquer rua de Cobe; podem ser as grin-

fas e grinaldas de flores entre o luziluzir e chamas de óleo, nas praias trigueiras do Pacífico, ou o esplendor rendilhado de edifícios de encantamento de técnicas de lâmpadas eléctricas na Praça de Trafalgar, em Londres — tudo assim mesmo no seu significado de redenção, em Cristo,

— A QUARTA PÁGINA

BOAS-FESTAS

«O Norte do Distrito» aproveita esta Quadra Festiva para apresentar a todos os seus estimados colaboradores, e assinantes cumprimentos de Boas-Festas e desejar-lhes, ao mesmo tempo, que no Ano-Novo, que se avizinha, lhe surjam as maiores prosperidades.

A todos agradece, também, a colaboração e apoio que, por qualquer modo lhe têm prestado e decisivamente vem contribuindo para levar a bom termo a missão que se propôs.

CASAS PARA POBRES

A construção de casas para pobres tem despertado a maior simpatia neste concelho e até nas áreas limítrofes, ocorrendo de todos os lados palavras de estímulo bem como donativos vários, quer em dinheiro quer em materiais de construção.

O primeiro bloco de duas casas deve ficar pronto em meados de Fevereiro do próximo ano. Ainda nesse mês de Fevereiro espera-se dar início à construção de outro bloco de duas casas.

Quando as obras crescem e se multiplicam em provas de generosidade e de amor pelos mais necessitados, então a caridade nunca falta.

Damos agora a lista dos novos donativos, em continuação da publicada no n.º anterior deste jornal:

Saldo anterior	17 635\$70
Thomaz dos Santos, Limitada	50\$00
Juvenal Augusto Mendes	500\$00
Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, L.da	1000 tijolos grandes
Cerâmica do Barro Branco	1000 tijolos pequenos
Manuel de Freitas Lopes	Tacos para o pavimento das duas casas
Empresa de Cimentos de Leiria	50 sacos de calcina e 20 de cimento
Manuel Simões Telhada	Electrificação de uma casa, incluindo o material

TOTAL EM DINHEIRO 18 185\$70

Importa ainda mencionar que o Sr. José Canoa desenhou e ofereceu a planta das casas bem como a água para as obras da casa e a Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos tem contribuído com a sua camioneta para o transporte de vários materiais.

A todos desejam o Património dos Pobres e a Conferência Vicentina exprimir os seus mais reconhecidos agradecimentos por tão caridosos testemunhos da sua dedicação à causa dos pobres.

Outros virão. Disso estamos certos. A campanha continua. À medida que forem comunicados outros donativos, eles serão registados nos números seguintes deste jornal.

BOM HUMOR

No campo da matéria, como no mundo dos espíritos, coisas, na aparência pequenas, produzem efeitos transcendentais. Por ex. o bom ou mau humor das pessoas.

Um patrão, um chefe que tem subordinados, com o seu mau humor, torna-lhes a vida insuportável.

Se o mau humor é absinto dentro da família é veneno que intoxica o ambiente do lar, que afugenta e assassina a paz e a felicidade que nele deve haver.

Porque o mau humor é contagioso. Que o pai ou a mãe ou algum dos filhos se levantem de mau humor e no fim do dia todos estão mal humorados.

O mau humor converte as simples divergências em conflitos sérios; as pequenas pedras transformam-se em montanhas; contamina tudo aquilo em que toca, provoca o isolamento e consegue desunir os seres destinados por Deus a viverem unidos para se compreenderem e amarem.

O mau humor é combativo, depreciativo e orgulhoso. Afugenta a pomba da paz e murcha a planta do amor.

Dentro do lar tem outras consequências mais transcendentais: torna impossível a boa educação dos filhos.

A criança é planta delicada; necessita do claro sol da alegria e da paz para se desenvolver normalmente, para aprender a franqueza e para se lançar generosamente à prática do bem.

Uma criança condenada a viver rodeada de temperamentos nervosos, um filho a quem coube a desgraça de ter uns pais que constantemente perdem a paciência e por ninharias originam conflitos ruidosos, perderá a confian-

ça neles, fechar-se-á dentro de si mesmo, aprenderá a mentir para evitar os choques familiares, perderá a coragem moral para vencer as dificuldades da vida e a boa-vontade para praticar a virtude que é dificultosa.

E' frequente os pais queixarem-se do mau carácter dos filhos. A esses pais devia fazer-se-lhes esta pergunta: — que ambiente respirou o seu filho no lar? Foi um ambiente de paz e alegria, ou de nervosismo, de discórdia, de desgosto? Numa palavra, reina em sua casa bom ou mau humor?

Se o mau humor produz efeitos desastrosos, o bom humor produ-los excelentes. Evita as discórdias, facilita as reconciliações, dá alento para o trabalho, ajuda a suportar as dificuldades da vida. Numa palavra, cria a paz, conserva-a, e facilita-a.

Causas do mau humor

Se as consequências do mau humor são assim tão nefastas, merece a pena examinar as causas.

Há quem diga: «o meu humor não depende de mim». Parece que ando com o tempo. Num dia esplêndido, cheio de sol, sinto-me animado e alegre; num dia enevoado chuvoso, sinto-me triste e sombrio.

Fraca vontade e nenhuma virtude demonstram estes que assim sintonizaram as variações do seu carácter com as oscilações climáticas.

O humor não é só reflexo dum céu claro ou nublado; é reflexo da alma que tem alternativas, entusiasmos e depressões, e que se podem conter ou corrigir.

Dizia Pascal: «o tempo e o meu humor não estão de acordo.

Tenho as minhas neblinas e os meus dias bonitos dentro de mim mesmo».

O homem deve ter virtude e suficiente autodomínio para se sobrepor às influências do tempo sobre o organismo.

Há ainda outras causas de mau humor, externas e materiais

MAU HUMOR

também, mas mais justificadas: as dificuldades económicas.

Dificilmente se pode suportar com espírito corajoso o andar mal vestido, mal alimentado ou o viver em condições precárias quanto à habitação.

Ainda que alguém tivesse virtude para aceitar e suportar em todo o seu rigor semelhantes incómodos e sofrimentos, com dificuldade se toleram quando as sofrem pessoas que são queridas e com maior dificuldade ainda, tratando-se de crianças.

Um incómodo passageiro suporta-se com a esperança de que desapareça no dia de amanhã; mas um incómodo que perdura, sem esperança de desaparecer, e impede o desenvolvimento físico ou intelectual dos filhos, é muito difícil aceitá-lo sem descontentamento nem revolta.

Se os pais de família sabem que as dificuldades económicas do lar se devem aos seus vícios, gastos escusados, passatempos ou à má administração, devem aceitar com resignação silenciosa esses sofrimentos como penitência devida pelos seus pecados.

A resignação, porém, é mais difícil quando se tem a consciência de não ser em nada responsável pelos males que prejudicam os membros da família e lhe vão minando lentamente a existência.

E' o caso dum pai de família que não encontra alojamento em condições e cujo salário é insuficiente para proporcionar aos seus o necessário para viver.

Como pode conservar a serenidade de espírito quando vê murchar-se dia a dia o rosto rosado dos filhos, ou quando a estreiteza da habitação não permite viver como exige o decoro, nem

permite às crianças moverem-se vontade como reclama a sua idade, nem consente que a mãe desempenhe as actividades que a boa ordem do lar reclama, nem ao pai o poder completar certos trabalhos que não pode realizar na oficina nas horas de serviço? Suportar estas incomodidades com ânimo calmo suporia uma virtude heróica, que não se pode exigir da maioria dos homens.

Destas fontes do mau humor é responsável toda a sociedade. Por isso não devemos estranhar nem muito menos recriminar os que vivendo em tais circunstâncias, gemem ou protestam; pensemos antes no que fariamos nós em circunstâncias iguais.

Se encontramos alguma destas vítimas que aguenta o seu martírio doloroso e prolongado com resignação cristã, rendamos-lhe um tributo de admiração.

Mas não basta a admiração inactiva; é preciso consagrar, o mais possível, o tempo, a inteligência e o dinheiro para proporcionar aos necessitados a indispensável comodidade que lhes permita o desenvolvimento e a expansão normal da família. E' um dever de caridade e de justiça social.

Um mínimo de comodidade e de conforto é indispensável para manter o bom humor e, por conseguinte, a paz. Mas não se pense que o dinheiro basta para o conseguir.

Quantos lares de famílias acomodadas e ricas são um inferno por causa do mau humor das pessoas que vivem neles!

E' que o bom ou mau humor tem outras raízes que mergulham no coração do homem.

João Rey

A Posição do Chefe

O Chefe não pode desviar-se do lugar que ocupa para se familiarizar com os seus subordinados. Deve ser recto, atencioso, cortês, mas conservando-se sempre na sua posição de dirigente, comprazendo-se com as alegrias e entristecendo-se com os pesares dos que de si dependem, mas sem abandonar o seu nível hierárquico, para não cair numa igualdade mal apreciada e, pior ainda, nem sempre bem compreendida.

A amizade dos que estão por baixo, na escala profissional, não se conquista com vulgares intimidades, mas antes com o exercício da justiça, perfeita rectidão e adequado trato.

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trala Jcsé Pereira Esteves, em Lisboa e Província.
Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Fenfica, telefone 700491.

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos. Também vende outras marcas à escolha do cliente
Irolinda Nunes Curado—Figueiró dos Vinhos.

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.
JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

— Composta de Pinhal, Zucalptos e Oliveiras, sita ao Barreiro, ou Vale das Albardas de Baixo. Confronta com a estrada distrital e estrada do Campo da Bola.
Casa de Habitação, ao cimo da Vila, S. Sebastião.
Quem pretender dirija-se a D. Alzira Paiva Vidigal, Rua Praia da Vitória N.º 20 — LISBOA-1
Aceitam-se propostas.

SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.
Irolinda Nunes Curado—Telefone 34—Figueiró dos Vinhos.

Senhores Agricultores: Vendem-se Oliveiras de Viveiro

Tratar com José da Conceição Napoleão ao fundo da vila — Figueiró dos Vinhos

Anunciar em «O Norte do Distrito» é fazer chegar os produtos de V. Ex.ª a todo o mundo.

RECAUCHUTAGEM SEM MOLDE PROCESSO REVOLUCIONÁRIO E UNICO EM PORTUGAL

Srs. Agricultores:
Srs. Tractoristas:
Srs. Empreiteiros:

FINALMENTE EM PORTUGAL A FORMIDÁVEL RECAUCHUTAGEM SEM MOLDE PARA PNEUS DE TRACTOR, MOTOSCRAPERS, MOTONIVELADORAS MOTOCULTIVADORES, ETC.

MAIS HORAS DE SERVIÇO GARANTIDAS

RECAUCHUTAGEM SONUMA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONES 102 E 179

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA ECONOMIA DO PAÍS

TRACTOR

MOTOCULTIVADORES
MÁQUINAS DE ENGENHARIA CIVIL
REBOQUES-CAMIÃO

EXPERIMENTE UMA RECONSTRUÇÃO DOS SEUS PNEUS A SÉRIO

RECAUCHUTAGEM E RECHAPAGEM

EM PNEUS DE CAMIÃO E DE AUTOMÓVEL DE TODAS AS MEDIDAS QUE SE FABRICAM NO MUNDO

A ÚNICA RECAUCHUTAGEM DO PAÍS QUE POSSUE A TÉCNICA E AS MÁQUINAS PARA RECHAPAR PNEUS METÁLICOS

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98 FIGUEIRO DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas
e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone 98 FIGUEIRO DOS VINHOS

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 31 FIGUEIRO DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS


BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRO DOS VINHOS
Telefone PBX — 50

TELEPHONE P. P. C. 10

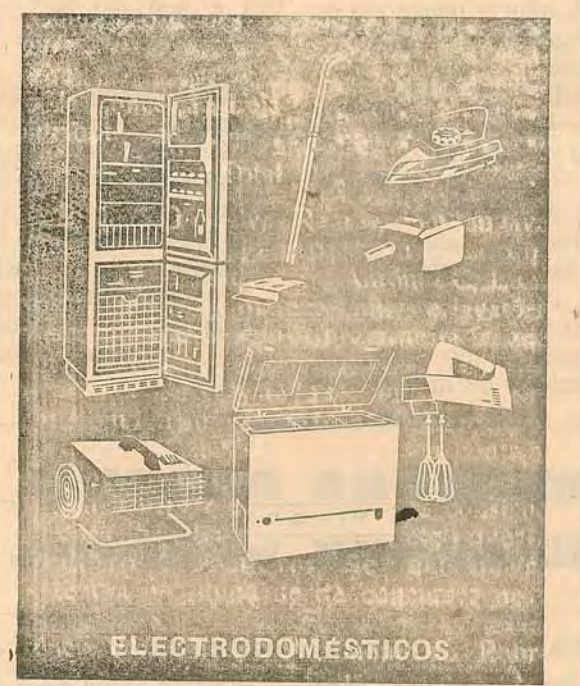


SANTO ANTONIO DOS MILAGRES
Especialidade de Figueiro dos Vinhos

Marca Registrada N. 107.738

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINIS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



ELECTRODOMÉSTICOS

TELEPHONE 105 FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os consertos em RADIO e TELEVISÃO

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos - Nariz - Garganta

Consultas no Hospital de Figueiro dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9^h 30^m.

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiro dos Vinhos, no 1.^o e 3.^o sábado de cada mês, às 9^h 30^m.

O MELHOR PÃO-DE-LÓ
É O DA

CONFEITARIA Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

TELEPHONE 129

FIGUEIRO DOS VINHOS

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE
Soç. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS e AGENTE DA «ROBIALAC»
Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da
FIGUEIRO DOS VINHOS

CONTROLE

por um controle constante obtém-se um produto de alta qualidade



pavimentos vigas asnas

materiais **novobra** em betão pré-esforçado

SOCIEDADE DE BETÕES INDUSTRIAIS SOBETIL, LDA.
ESTRADA DA MARINHA GRANDE TEL. 23768 LEIRIA

O BEM COMUM e a dignidade da pessoa humana

« Todas as coisas da terra devem ordenar-se para o homem, como seu centro e termo ».

« A interdependência entre os homens intensifica-se sem cessar e estende-se a pouco e pouco ao mundo inteiro; daqui resulta que o bem comum, o conjunto das condições de vida social que permitem tanto aos grupos como aos membros atingir a sua realização duma maneira mais total e mais rica — este bem comum torna-se hoje cada vez mais universal e implica por isso direitos e deveres que dizem respeito à totalidade do género humano. Cada grupo deve ter em conta as necessidades e as aspirações legítimas dos outros grupos, e mais ainda o bem comum de toda a família humana ».

Mas, a par da consciência do

bem comum, cresce a da « emi-nente dignidade da pessoa huma-na, uma vez que ela ultrapassa todas as coisas e os seus direitos e deveres são universais e invioláveis », pelo que se torna « ne-cessário que se torne acessível ao homem tudo aquilo de que tem necessidade para levar uma vida verdadeiramente humana: alimentos, vestuário, condições de habitação, direito à livre es-colha do estado de vida, direito de fundar um lar, direito à edu-cação, ao trabalho, ao bom nome, ao respeito, à conveniente infor-mação, direito de agir segundo as normas justas da sua consci-ência, direito de salvaguardar a vida privada e uma justa liber-dade, mesmo em matéria religio-sa ».

« O mesmo respeito pela pessoa humana nos obriga a considerar o próximo — mesmo aqueles que têm concepções ou maneiras de agir diferentes das nossas em matéria social, política ou mesmo religiosa », — como « um outro eu », a « reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental de todos ».

« Tudo o que constitui viola-ção da integridade da pessoa humana, como as mutilações, a tortura física ou moral, os meios de coação psicológica (...), as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrarias, as deporta-ções, a escravatura, a prostitui-ção, o comércio de mulheres ou de jovens, ou ainda as condições degradantes de trabalho que re-duzem os trabalhadores à condi-ção de puro instrumento de lu-cro, ofendem gravemente o res-peito devido ao Criador ».

« Visto que todos os homens (...) têm a mesma natureza e a mesma origem (...), gozam da mesma vocação e destino divino, deve-se reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental de to-dos », pelo que « toda a forma de discriminação social ou cultural quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razões de sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião, deve ser superada e eliminada porque é contrária à vontade de Deus ».

« E' de facto doloroso que es-tes direitos fundamentais da pessoa ainda hoje não estejam garantidos em toda a parte », motivo por que se exige « que ninguém, por desatenção » ao de-correr dos acontecimentos ou por inércia, se conforme com uma ética meramente individua-lista ». Ao invés, « o dever da justiça e da caridade cada vez mais se realiza, contribuindo cada um para o bem comum segundo as suas capacidades e necessida-des dos outros ».

E' mister ainda que « as insti-tuições privadas ou públicas se esforcem por servir a dignidade e o fim do homem, quer comba-tendo vigorosamente toda a for-ma de escravatura tanto social como política, quer salvaguar-dando sob qualquer regime polí-tico os direitos fundamentais do homem ».

(Da constituição « Sobre a Igreja no Mundo de Hoje »).

Visado pela Comissão de Censura

Adoração do Menino JESUS

nos banha em igual profundidade de lume.

O motivo secreto de toda esta magia, como devia de ser o de David dançando na presença de Saul, numa alegria patriarcal, quer na cidade, quer na aldeia—é um fundamento a adoração do Menino Jesus. Na verdade, nesse dia, Ele renasce na morada de cada um de nós, vindo do fundo dum mundo íntimo dos afectos, e cresce no nosso vinho, rompe no nosso pão, em altíssimo valor moral: preencher o sentir de qualquer vazio maior, numa suave responsabilidade de aderência multiforme, portadora de imensas mensagens renovadas.

Em todas as partes do mundo o Natal é luz, de todos os modos o valor da toada em incidência de clarão é sempre idêntico; claro na linguagem, primitivo na ingenuidade, branco na pureza e divino na transcendência.

A matéria mística que envolve essa adoração, por mais tipismo que lhe ponhamos, é sempre semelhante, desempenhando a mesma função, constituindo o acto mais solene do ano.

Na região de Leiria a festa do Natal, em adoração do Menino Jesus, não foge à regra: há a ceia, a Missa do Galo, o presépio, o lar com as visitas familiares e cozinhas com lambarices especiais.

Todos aqueles fragedos cinzentos que se escarnam em dureza e vão descendo em socacos da serra de Aire, contrafortes dos Candeeiros e por vales cor de cobra, despejam as águas de dois formosos rios, Lis e Lena, refrescando mavoros prados verdes, que se alargam até às doiradas dunas do Pinhal de El-Rei — se animam para louvar e cantar o Natal, em hino ao Menino Deus.

Nas toalhas alvas de linho ou de estopa, servem-se as consoadas, com bacalhau cozido, batatas e grelos engrolados, vinho tinto e «velhozes» (filhós feitas de farinha e abóbora batida, ovos, aguardente, depois fritas e polvilhadas de açúcar e canela), arroz-doce e merendeirinhas de milho e miel, velas e candeias.

Depois chegam os ecos vindos de fora. Os sinos chamam. É um toque único, em aviso de aleluia, graça, flor e luz.

Há um frémito no coração em ruído de alegria, sobretudo nas criancas, e surge a gesta histórica do nascimento de Jesus, acontecido em Belém, em mistério nobre e liturgia cristã.

Cerramos a vista e promove-se a grande Verdade: a estrela, o anjo, o galo, o musgo, a manjedoura, o gado, a natividade com as suas personagens candentes — S. José e Maria Santíssima, adorações dos pastores e Reis Magos.

Entramos na Igreja e de qualquer fio de neve que nos arpeje o rosto transborda o calor iluminante do significado transcendente do presépio, mesmo o de iconografia mais pobre.

O Presépio é o Natal — ele representa sempre a intimidade da Família da Nazaré, que em milagre serenante se repete na vida de cada um de nós. Perante tal essência católica a representação em figura desse promotor de painel, da Sagrada História, assume, a prata e ouro a mais brilhante e poética fantasia. Centenas e centenas destes presépios, em evocação do nascimento de Cristo, são armados em toda a região, desde a figu-

ração dum tasco estábulo, às mais variadas formas de arquitectura, por vezes ingénuas, por vezes dum barroco, onde os elementos formativos e artísticos nos surgem o ambiente espiritual do local onde se inserem.

Concebem-se então altares e regalos, resplandecendo a ideia de que a formosa Festa do nascer do Querubim deve possuir o acento e o humano condão de reflectir o compromisso da terra onde são levantados.

Aparecem as conchelas, búzios, estrelas marinhas e areias para os que são feitos pelos pescadores do litoral a oeste da Vieira a Água de Madeiros, por vezes, até, armados em pequenas embarcações típicas; as pinhas, carascas e carumas, para os construídos pelos lenhadores dos pinhais de Leiria; as maçarocas de milho e espigas de trigo, para as gentes dos campos; as pedras, musgos e azinhos, para os que se erguem nas serras, com os seus mofinhos de vento a dar-lhes o ar do monte. São testemunhos feitos de equilíbrio, vontade e amor, que nos transmitem a reconstrução de uma atmosfera — estética, sociológica e religiosa — no estilo e oficina da imaginação popular. E ouvem-se as loas, meio cantadas, meio rezadas, em som de ressonância celestial.

Rompendo a manhã começam as visitas e troca de prendas entre os amigos, namorados e familiares e todos, com fato domingueiro, vão levar flores à Igreja, raminhos de azevinho e perpétuas, adorando e beijando os pés ao Menino Jesus, que é trazido na mãos do senhor Prior.

Levantam-se as alas dos oradores e outras se seguem, tocadas pelo mesmo espírito de Paz e amor, e enquanto que em cada capela, entre crios e o tanger dos sinos, se erguem seus hinos, que são múltiplos e vários.

Assim decorre o feliz Natal português na região de Leiria, que se segue na mensagem, de boca em boca, de coração em coração, em rito milenário, como êxtase e regaço, na tradição de Paz, do tempo a parar, irreal e sedoso, em Luz e Amor.

ALDEIA DE ANA D'AVIZ

ELECTRIFICAÇÃO

A aprazível povoação de Aldeia de Ana d'Aviz, estará em breve electrificada, pois realiza-se no próximo dia 26 do corrente, a praça para a adjudicação da respectiva obra.

Os seus habitantes alcançam, assim, um melhoramento por que há longos anos anseavam, e que representa um passo decisivo na melhoria das suas condições de vida.

Assine este JORNAL

Automóvel Studebaker Presidente

Vende-se

Próprio para Passeio, Caça, ou Museu, com 90000 Km. sempre do mesmo dono sem nunca se ter mechido no motor. Pronto para todo o serviço. Apenas precisa de uma vistoria na instalação eléctrica e bateria.

Aceitam-se propostas e pode ver-se em Maças de D. Maria no Armazém das Cinco Vilas. Falar com o Sr. Alexandre.

Ameaça para o Brasil Português

Tenho diante de mim um mapa da emigração portuguesa para o Brasil desde 1885 até 1959. No primeiro ano, 7611 novos portugueses em terra brasileira (contra 21765 italianos!); cinco anos depois, a elevados contingentes alemães, espanhóis, italianos e russos, opunha-se a presença de 25.174 portugueses (número excedido pelas duas últimas nacionalidades). Em 1905, uma multidão de 36 055 imigrantes portugueses (contingente que só seria ultrapassado em 1912, com 42.815 colonos lusos) ficava, ainda, aquém da leva italiana: 97.344, máximo absoluto de emigração para o Brasil.

A partir de 1910 entraram os japoneses em cena, timidamente, a princípio (948 emigrantes), afoitamente em 1930 (cerca de 15.000) e, de então para cá, em número regular e sempre crescente depois de 1955, ano em que os contingentes portugueses deixaram para trás os espanhóis, os alemães e os italianos, e a boa distância. Qualquer destas colónias tinha, entretanto estabelecido as suas bases na grande nação de língua portuguesa, e haveriam de seguir-se-lhes os franceses e, mais tarde, os norte-americanos, países ricos e ambiciosos, ávidos aproveitadores duma terra semivirgem ao cabo de mais de quatro séculos de história.

Povos diferentes, por vezes extremamente diferentes — nos idiomas, nos hábitos, nas formas de cultura e religião — alemães e japoneses e franceses, libaneses, sírios, russos, e os patrões americanos, e as pontas de lança francesas, constituem uma poderosa frente ao que poderemos chamar o Brasil Português.

Olhando os números de 1959, verificamos que, num total de 44.530 imigrantes entrados no Brasil, apenas se incluem 17.345 portugueses. E em 1964, o contingente português para o Brasil fixa-se no número mais baixo desde 1945: 4.929. Esta cifra ganha particular relevância — além de permitir várias congeminções — se acrescentarmos que o total de emigrantes portugueses, para vários países, ultrapassou as 55.000 unidades. Explicação? Os apelos chorudos da França, da Alemanha, da Suíça, da Venezuela...

Grito de alarme

Sim, é verdade que, em cada quatro pessoas que topamos no Rio de Janeiro, uma ou é portuguesa ou descendente directa de portugueses. Sim, também é verdade que mais de cinquenta por cento dos paulistas têm sangue português nas veias. Mas além de não serem já esmagadoras, em relação a um passado próximo, estes números têm tendência para baixar.

Ao dar esta espécie de grito de alarme, não sou movido por nenhum intuito chauvinista: não é para chorar «records» perdidos

que alinhiei, igualmente, todos estes números. O menos consciente dos espíritos universalistas tem tanto mais força e mais razão quanto é maior o amor às coisas da sua própria pátria. Eis por que chamo a atenção dos que a devem ter pelas coisas portuguesas do Brasil: periga de dia para dia o fantástico (mais vulnerável) património português na terra-continente descoberta por Cabral há quatro séculos e meio.

Há, ainda, no Rio, em São Paulo, no Recife, em Minas, da costa ao Mato Grosso, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, quem procure manter Portugal nesta nação presdestinada a um papel de comandante nos destinos do mundo. Mas talvez, do lado de cá do Atlântico, não se faça tudo, não se faça o mínimo exigível, para que, num futuro próximo, o Brasil fale de Portugal como um filho orgulhoso de seu pai nem um brasileiro, ao pisar terra lusa, em Lisboa ou no Porto, sinta um estremecimento nascido na alma, um correr mais vivo de sangue.

O hospital

É para manter a presença de Portugal que existem, e se formam, e se desdobram as colectividades portuguesas do Brasil, 180 ao todo, 38 só no Estado da Guanabarra (...)

Disse-me alguém, sorrindo, que onde houver um português, no Brasil, há sempre uma guitarra e uma «beneficência». Da saudade já se falou o suficiente e a «questão social» explica-se facilmente. Noutros tempos, o português chegava pobre e só ao Brasil, não encontrava uma árvore para abanar, mas uma vida árdua, muitas vezes terrível, para viver. Estava a fortuna no fim? Nem sempre, nem sempre. Dos fracos ou dos vencidos da sorte pouco ou nada reza a história. Quantos nomes obscuros por cada comendador? Quantas desilusões por cada nome iluminado nos actuals arranha-céus de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Baía ou de Belo Horizonte? Quantos...? Ferreira de Castro escreveu qualquer coisa sobre o assunto. É, tanto quanto me parece, sabia do que estava a escrever.

Pobre e só, portanto. Tratou, pois, de se unir, de se precaver quanto ao futuro. Hospitais, casas de assistência — quando a roda desanda um homem precisa destas coisas. E das pequenas casas de assistência nasceram os grandes hospitais de hoje, as obras grandiosas como este Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, um monumento e um modelo de assistência pública — todo ele criado e mantido por particulares (...)

Dispõe o hospital, actualmente, de 400 leitos, de quatro blocos operatórios extremamente bem apetrechados (tudo o que de moderno vai surgindo no campo da cirurgia), dezenas de médicos ao

seu serviço, médicos portugueses e brasileiros cujo maior prestígio, fora do Hospital, é denunciarem a sua condição de servidores da Beneficência Portuguesa.

Pertence, ainda, ao património da Beneficência uma enorme quinta — ou sítio, como lhe chamam no Brasil — em Jacarepaguá, a umas cinco léguas do Rio de Janeiro, onde funcionam, paralelamente, uma mansão para velhos, um sanatório e uma clínica psiquiátrica, instalações com capacidade para mais de quatrocentas e cinquenta pessoas.

Isto, porém, não é tudo. Está já em andiamento estado de construção um novo corpo do hospital, de traça moderna e apto o melhor apetrechamento.

Ei-lo. Atravessámos um pátio, sob a chuva, e vemos a mole enorme, travejamentos e janelas, dezenas de janelas: o novo Hospital de Santa Maria, que continuará e acrescentará os bons serviços que o velho edifício presta desde a fundação da Beneficência, em Março de 1840, vão já quase 126 anos. O novo corpo hospitalar disporá — nos 10 andares do edifício, de ampla fachada voltada ao sol — de 210 apartamentos independentes, com duas camas cada um, e 14 salas de operações.

E quanto custará a obra? Um sorriso antes da resposta: quando começou a construção, há oito anos, pensávamos gastar não mais de 600 milhões de cruzeiros. Pois já lá estão derretidos mais de bilião e meio e até ao fim gastaremos outro tanto!

E donde vem o dinheiro? Mais sorrisos: tudo de bolsos de particulares.

M. D.

BAPTIZADO

Na Basílica de Fátima, realizou-se no dia 18 do corrente, o Baptizado da pequenina Sofia Isabel, interessante Filhinha da Sr.ª D. Maria Isabel Zuzarte de Mendonça Godinho Ferreira e do nosso estimado amigo e conterrâneo Sr. Dr. Jorge Manuel Godinho Ferreira, ilustre médico-oftalmologista em Lisboa.

Foi celebrante o Rev.º José da Costa Saraiva, capelão Capitão do Exército, amigo íntimo da Família Godinho Ferreira e que durante largos anos, paroucou a freguesia de Figueiró dos Vinhos.

Foram padrinhos a Menina Maria Conceição Godinho Abreu Nunes, aluna da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e seu pai Sr. José Abreu Nunes, nosso amigo e prezado colaborador.

Comemorando o fausto acontecimento, o simpático casal Godinho Ferreira, ofereceu, na «Casa das Irmãs Doroteias» a pessoas de família e amigas, um fino almoço que decorreu num ambiente muito agradável.

No limiar da sua vida cristã, desejamos à pequenina Sofia Isabel, um futuro pleno de venturas.

MIRADIA CENTRAL

TIPOGRAFIA

MINERVA CENTRAL

Executa com a máxima perfeição todo o género de trabalhos tipográficos. Modicidade de preços.

Telefone 7

Figueiró dos Vinhos